

As Tarifas de Trump: um golo na própria baliza?

Os anúncios de aumento dos impostos aduaneiros por parte da administração Trump fizeram subir a tarifa média efetiva aplicada pelos EUA às suas importações em mais de 20 p. p., alcançando os níveis mais elevados do século, embora a decisão tenha sido suspensa durante 90 dias (com exceção da China), durante os quais será aplicada uma tarifa universal de 10%. Para além do método de cálculo arbitrário para estimar a tarifa país a país, a decisão não servirá para atingir os objetivos de redução do desequilíbrio externo dos EUA (tem origem num excesso de investimento sobre poupança interna), recuperar empregos em sectores onde os EUA perderam há muito as suas vantagens competitivas ou equilibrar estruturalmente a posição fiscal deficitária do país. Entretanto, o preço a pagar é o regresso a um mundo fragmentado e o aumento exponencial da incerteza sobre o perfil da política económica e comercial, o que ameaça destabilizar a economia mundial. Portanto, estamos perante uma decisão que se enquadra na categoria dos jogos de soma negativa por prejudicar todos os atores envolvidos, o que resultará, no mínimo, num cenário de menor crescimento global e de maior inflação nos países que participam na escalada protecionista. O comportamento dos mercados financeiros nos dias seguintes à decisão, com fortes quedas das bolsas, aumento da volatilidade e subida dos spreads de crédito, reflete o potencial desestabilizador das medidas anunciadas.

Não é fácil procurar sinais no meio do ruído e da perturbação, descobrir ordem na desordem ou encontrar algum padrão de comportamento racional perante decisões prejudiciais para todos os agentes envolvidos num jogo que, em teoria, deveria ser cooperante, para atingir a máxima eficiência. Tal como a evolução das culturas é uma procura contínua de soluções de soma positiva para os problemas inevitáveis que surgem da coexistência, também os avanços no desenvolvimento económico se cimentam em jogos de soma positiva, muitos dos quais têm origem na exploração de vantagens competitivas por cada um dos jogadores do tabuleiro económico. Se a inovação e a difusão do conhecimento estão no cerne do processo de crescimento, parece difícil que, em economias com barreiras à concorrência estrangeira, os fatores produtivos sejam alocados de forma otimizada aos processos e sectores líderes, o que limitará o progresso da produtividade e do rendimento per capita (algo em que os EUA têm sido líderes nas últimas décadas). Sobretudo na ausência de um ambiente institucional estável, com uma boa proteção dos direitos de propriedade. Este era o consenso generalizado entre os economistas, pelo menos até ao agora famoso «Dia da Libertação».

E daqui para a frente? O ponto de partida é desafiante, porque dar um tiro no pé não costuma ser o mais comum quando falamos da política económica da maior potência mundial. Estamos a entrar numa nova fase de incerteza global, uma vez que as medidas anunciadas podem ser uma referência inicial para uma negociação multilateral que nos aproxime de um ponto de equilíbrio menos prejudicial ou leve a uma escalada das tensões comerciais. No primeiro cenário, se for rapidamente alcançado algum tipo de acordo que envolva uma tarifa média substancialmente mais baixa do que a inicialmente anunciada, os danos colaterais seriam limitados, tanto mais que diminuiria a tensão no canal financeiro e aumentaria a segurança dos agentes económicos na tomada de decisões. Mas se se abrir um cenário de guerra comercial generalizada, a economia mundial sofrerá um maior impacto com o risco de ser acompanhada por um processo inflacionista. De qualquer modo, o que parece claro é que estamos a assistir às últimas fases do processo conhecido como globalização e à consolidação de tendências como: a fragmentação geopolítica, a procura de autonomia estratégica, a reconfiguração e redução das cadeias de valor e o reequilíbrio forçado de modelos de crescimento muito dependentes da procura externa (Draghi também tem razão nisto). Podemos gostar mais ou menos, mas o que serviu nas últimas décadas (modelo alemão?) pode já não servir hoje. E a capacidade e a flexibilidade de adaptação ao novo ambiente determinarão se se fará parte dos vencedores ou dos vencidos, pois depois de baralhar as cartas chegaremos ao novo ponto de equilíbrio global. Neste momento, a resposta europeia (para além da negociação comercial pura e dura) parece estar a caminhar no sentido certo, embora seja provavelmente insuficiente, tendo em conta o nível dos desafios. Não será fácil equilibrar estrategicamente as relações com os EUA e a China no curto prazo, sobretudo, sem melhorias na governação. Entretanto, provavelmente continuaremos a assistir à cerimónia da confusão, entre fogos de artifício, dias de libertação e barulho intenso.